



JUVENTUDE: UMA CATEGORIA HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL

Claitonei de Siqueira Santos

Roseli dos Santos Baldoíno

Faculdade Alfredo Nasser

claitonsiq@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir a juventude como categoria histórica e sociocultural, buscando discernir as concepções e representações construídas acerca do segmento juvenil nos diferentes períodos históricos. Nessas condições, adotou-se didaticamente para fins de análise o modelo quadripartite francês de divisão da História. O estudo concebe uma perspectiva não monolítica de juventude e procura desenvolver uma reflexão sobre como este segmento foi abordado nos diferentes momentos históricos, sobretudo na modernidade, período de efervescência da juventude como grupo social distinto, associado à lógica da empregabilidade e do consumo. Devido as constantes transformações ocorridas a partir de 1950 no campo social, econômico e cultural a juventude emergiu com muito mais visibilidade e autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Particularidades. Categoria Histórica. Categoria Sociocultural.

1 INTRODUÇÃO

Vários autores¹ têm demonstrado as ambiguidades do que é ser jovem. Associado a essas discussões e em conformidade com pesquisas recentes (CANEZIN GUIMARÃES, 2008, 2009; CAVALCANTE, 2010; SANTOS, 2011a), este estudo concebe uma perspectiva não monolítica de juventude para refletir sobre a constituição desse segmento nos diferentes momentos históricos: na antiguidade, no medievo e, sobretudo, na modernidade.

Nas ciências sociais, especialmente nas abordagens socioculturais, a juventude é assumida como categoria complexa devido aos fatores históricos e socioculturais que compõem sua construção em momentos e épocas distintas. Por outro lado, o segmento juvenil, por ser uma construção social, apresenta limitações quando abordado segundo a idade. Para Bourdieu (1983), sempre se é jovem ou

¹ Abramo (1994); Bourdieu (1983); Carrano (2000); Canezin Guimarães (2008); Dayrel (2003); Hobsbawm (1995); Levi; Shimitt (1996), dentre outros.

velho de alguém. Desse modo, a definição de juventude pela faixa etária, mesmo quando utilizada pelos pesquisadores, não significa a sua redução a esta.

A discussão concernente à juventude tem assumido relevância significativa, sobretudo no último quartel do século XX, o que não significa dizer que tenha surgido nesse período. A sua constituição tem imbricações históricas, conforme se procurará mostrar. O referido século é assumido apenas como marco delimitador da juventude como grupo social distinto no interior das formações sociais. A Europa foi o palco inicial desse processo que, posteriormente, se espalhou para outras regiões do globo. Porém, quase sempre carregado de controvérsias.

Buscar uma definição para a juventude é tarefa árdua e extremamente complexa, desde que não se trata de uma categoria única e homogênea. Os critérios que a constituem, conforme Bourdieu (1983), são de ordem histórica e sociocultural. O autor argumenta que a juventude é apenas uma palavra. Assim, as definições sobre o que é ser jovem perpassam os processos históricos que se constituem a partir dos condicionantes existentes em cada época.

Nessa direção, León (2009, p. 54) argumenta que a juventude não é “um ‘dom’ que se perde com o tempo, mas uma condição social com qualidades específicas que se manifestam de diferentes maneiras segundo as características históricas e sociais de cada indivíduo”. Assim sendo, necessário é atentar para as imagens reproduzidas a respeito dos jovens, não com a intenção de discorrer sobre as fases do ciclo da vida, cujas etapas aparecem definidas de forma esquemática, simples e estanque - criança, adolescente, jovem, adulto ou velho –, mas centrando-se na compreensão de uma juventude cujas etapas de vida foram instituídas a partir de pressupostos estabelecidos pelas sociedades e, muitas vezes, atribuídos a diferentes fases através de rituais ou cerimônias demarcadores.

2 METODOLOGIA

A presente discussão teve como base as reflexões do grupo de pesquisa intitulado juventude e educação que centra as discussões nas abordagens socioculturais. O texto é resultante de uma pesquisa de cunho teórico-descritivo-bibliográfico por possibilitar compreender de que maneira os autores discutiram a juventude em momentos distintos e se nestas discussões o segmento juvenil estava associado aos contextos sociais que a criou. Desse modo, foi possível ainda

compreender como a categoria juvenil foi se metamorfoseando nos diferentes momentos e períodos históricos.

Ao utilizar didaticamente o modelo quadripartite francês de divisão da história, foi possível compreender as visões sobre a juventude na antiguidade clássica, idade média e também na modernidade. Assim, a técnica de revisão bibliográfica fez-se de extrema utilidade, pois permitiu perceber os movimentos oscilatórios e as concepções acerca dos jovens e nesse movimento de observação e reflexão dos diferentes momentos históricos, identificou-se uma tentativa maior de apreensão teórica da categoria juventude na fase identificada como modernidade, dado as transformações ocorridas.

Os estudos teóricos tem sido mais substanciais nesse período e por conta disso uma compreensão também maior da juventude. No entanto, a metodologia utilizada não permite afirmar que a juventude é oriunda justamente da era moderna.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme argumentação de Islas (2009, p. 17), “não resta dúvida de que devemos a concepção moderna de juventude a Rousseau, que, em seu *Emílio*, publicado em 1762, consegue separar a criança e o adolescente do adulto”. A influência desse pensador contribuiu para o surgimento de três vertentes em torno das fases da vida: a *pedagógica*, centrada na criança; a *psicológica*, que se ocupou das questões sobre a adolescência; e a *social*, que se encarregou de estabelecer os marcos iniciais para os estudos sobre a juventude separada da família.

Deste então, a corrente pedagógica, que é a intenção mais explícita da obra de Rousseau, fez avanços significativos sobre os estudos relacionados às peculiaridades e especificidades da criança. Juntamente com as contribuições de Pestalozzi, foi possível estabelecer “os fundamentos da educação estatal nacional do século XVIII, a partir dos quais se reconhecerá [reconheceu] à criança e ao adolescente o direito a uma instrução integral de acordo com sua própria personalidade” (ISLAS, 2009, p. 17).

De modo incipiente, no final do século XIX, conceitualmente a adolescência surge como campo de estudo dentro da psicologia evolutiva. No início do século XX, ganhou força com o psicólogo norte-americano Stanley Hall, que criou um tratado sobre a adolescência, constituindo um marco de referência para a área. A partir daí,

a adolescência passou a ser percebida como uma etapa distinta do desenvolvimento humano.

Em função desses estudos, emergiu também a possibilidade de novas observações ligadas à questão da juventude, o juvenil surgindo como fator importante para esclarecer certos questionamentos. Entretanto, as várias manifestações juvenis ocorridas no século XX, com maior ou menor intensidade, se espalharam por todo globo, intensificando, sobretudo na Europa, o que se convencionou chamar de choque geracional.

Esse movimento, que se iniciou principalmente no velho continente, despertou nos pesquisadores de vários campos do saber o desejo do “estudo da categoria juventude, em especial a sociologia, antropologia cultural e social, história, educação, estudos culturais, comunicação entre outras” (LEÓN, 2009, p. 49). Igualmente, criou a necessidade de melhor precisar as fases da vida e, conseqüentemente, saber o que pensa a juventude, fazendo emergir o juvenil como grupo social distinto.

4 CONCLUSÕES

O objetivo do texto não foi definir não foi definir o que seja a juventude, mas demonstrar a existência de múltiplos significados para essa etapa/fase da vida. Nela, os sujeitos se deparam com um contexto social diversificado que se estabelece a partir do grupo social em que convivem. A partir dessa socialização, sobretudo na contemporaneidade, surgem alternativas de escolhas mediadas pelo *habitus*, nas quais os agentes sociais se pautam para construir variados modos de ser e viver a condição juvenil (BONNEWITZ, 2003).

No traçado histórico dos jovens, concordando com Levi e Schmitt, percebeu-se que, “como construção social: em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia [pode] ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores” (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 14).

O estudo sobre a juventude pelo mote do campo da História é importante e necessário para apresentar essa categoria para além dos rótulos que, também historicamente, a têm constituído, principalmente no período moderno. Muitas das concepções neles formuladas perpassaram o período posterior e têm sido utilizadas equivocadamente para defini-la. Mesmo com a ampliação das pesquisas no campo

científico, os rótulos insistem em permanecer, possivelmente pela complexidade e heterogeneidade em torno do universo juvenil como objeto de estudo.

A juventude bem como as demais épocas da vida deve ser construída de acordo com a base sociocultural, porém marcada por um caráter de *limite*, visto que a sua natureza é carregada de significados simbólicos de compromissos e ameaças, potencialidades e fragilidades. É uma categoria que, independentemente de ser objeto de análise, está inserida nesse processo e carece de atenção especial e cuidado teórico e conceitual.

Portanto, é importante considerar a juventude como uma unidade sociocultural e empírica não homogênea, pois as diferenças sociais, étnicas, religiosas e econômicas fazem sentir diferentemente as representações simbólicas que dela se fazem em momentos históricos distintos. A necessidade de caracterizá-la e defini-la também é histórica, embora de resultados ainda parciais. No entanto, romper com as rotulações se faz necessário para compreender melhor a juventude no tempo e no espaço, principalmente na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CANEZIN GUIMARÃES (Org.). **Estudos sobre jovens e processos educativos na contemporaneidade**. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

_____; M. T. SOUSA, S. M. G. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Goiânia: Editora da UFG: Cãnone Editorial, 2009.

ISLAS, J. A. P. Juventude: um conceito em disputa. In: CANEZIN GUIMARÃES, M. T. SOUSA, S. M. G. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Goiânia: Editora da UFG; Cãnone Editorial, 2009.

LEÓN, O. D. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. In: CANEZIN GUIMARÃES, M. T. SOUSA, S. M. G. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Goiânia: Editora da UFG: Cãnone Editorial, 2009.

LEVI, G; Shimitt, J. C. **História dos Jovens: da antiguidade a era moderna**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras 1996.